

CAMINHAR PARA SENTIR: Caminhografias na Formação em Arquitetura e Urbanismo

CAMINAR PARA SENTIR: Caminografias en la Formación en Arquitectura y Urbanismo

WALKING TO FEEL: Walkographies in Architecture and Urbanism Education

ROCHA, EDUARDO

Arquiteto e Urbanista, Professor Doutor, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, e-mail: eduardo.rocha@ufpel.edu.br

TAKAHASHI, JAQUELINE HARUMI DIAS

Arquiteta e Urbanista, Mestranda, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, e-mail: jaqueline.harumi@yahoo.com.br

VARGAS, GABRIELE

Arquiteta e Urbanista, Mestra, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, e-mail: gabivargas.arquitetura@gmail.com

KREBS, LISANDRA FACHINELLO

Arquiteta e Urbanista, Professora Doutora, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, e-mail: lisandrakrebs@gmail.com

RESUMO

Este artigo discute os resultados de uma experiência didática com estudantes do primeiro semestre de Arquitetura e Urbanismo (UFPel), na disciplina *Teoria e História I: Arquitetura e Urbanismo na Contemporaneidade*. A atividade utilizou a caminhografia urbana como estratégia formativa para estimular observações atentas do cotidiano, registradas em relatos e fotografias. Nossa análise mostra que o deslocamento atento permite leituras sensíveis do território, mobilizando tanto a percepção espacial tradicional quanto dimensões sensíveis — *perceptos* e *afectos*. Os resultados apontam o potencial pedagógico do método para formar um olhar crítico, sensível e ético na arquitetura e urbanismo.

PALAVRAS-CHAVE: caminhografia urbana; formação em arquitetura; ensino de urbanismo; percepção espacial; *percepto*; *afecto*.

RESUMEN

Este artículo discute los resultados de una experiencia didáctica con estudiantes del primer semestre de Arquitectura y Urbanismo (UFPel), desarrollada en la asignatura *Teoría e Historia I: Arquitectura y Urbanismo en la Contemporaneidad*. La actividad utilizó la caminografía urbana como estrategia formativa para estimular observaciones atentas de la vida cotidiana, registradas en relatos y fotografías. Nuestro análisis muestra que el desplazamiento atento permite lecturas sensibles del territorio, activando tanto la percepción espacial tradicional como dimensiones sensibles — *perceptos* y *afectos*—. Los resultados señalan el potencial pedagógico del método para formar una mirada crítica, sensible y ética en la arquitectura y el urbanismo.

PALABRAS-CLAVES: caminografía urbana; formación en arquitectura; enseñanza del urbanismo; percepción espacial; *percepto*; *afecto*.

ABSTRACT

This article discusses the results of a teaching experience with first-semester Architecture and Urbanism students (UFPel), developed within the course *Theory and History I: Architecture and Urbanism in Contemporary Times*. The activity employed urban walkography as a formative strategy to stimulate attentive observations of everyday life, recorded through written narratives and photographs. Our analysis shows that attentive movement enables sensitive readings of the territory, activating both traditional spatial perception and sensitive dimensions—*percepts* and *affects*. The results highlight the pedagogical potential of this method to foster a critical, sensitive, and ethical gaze in architecture and urbanism.

KEYWORDS: urban walkography; architecture education; urbanism teaching; spatial perception; *percept*; *affect*.

Recebido em: 26/08/2025

Aceito em: 18/03/2026

1 PRIMEIROS SENTIDOS: O DESPERTAR DA CIDADE PELA CAMINHOGRAFIA

No ensino de arquitetura e urbanismo, formar um olhar atento e sensível ao espaço vivido constitui condição fundamental para o pleno exercício profissional e cidadão. Para além das abordagens técnicas e teóricas convencionais, é necessário experimentar o território a partir de práticas que estimulem o reconhecimento de suas múltiplas camadas: infraestrutura, uso, dinâmica social, afetividade e subjetividade (Jacobs, 2011). Nesse sentido, a caminhografia urbana se apresenta como metodologia didática capaz de conjugar percepção espacial tradicional, *perceptos* sensíveis e intensidades afetivas (Deleuze; Guattari, 1992), promovendo a abertura para outras leituras e vivências na cidade.

Historicamente, o ensino em arquitetura e urbanismo tem privilegiado métodos técnicos e analíticos, focados na organização física do espaço. No entanto, essa abordagem tradicional muitas vezes negligencia as dimensões imateriais e sensíveis que configuram a experiência urbana vivida. Autores clássicos como Kevin Lynch e Henri Lefebvre já destacavam a importância da vivência e da representação do espaço para a compreensão da cidade enquanto fenômeno social e simbólico, apontando para a necessidade de práticas formativas que ampliem a percepção além do visível e mensurável.

A “percepção espacial” possui origens na psicologia ambiental, na geografia e nos fundamentos tradicionais do urbanismo, sendo empregada para descrever como os sujeitos reconhecem e organizam distâncias, limites, usos e relações físicas no ambiente (Santos, 2002). Sua função na formação em arquitetura é servir de base objetiva para análise, diagnóstico e projeto do espaço urbano, fomentando a leitura técnica dos elementos materiais. Por exemplo, ao caminhar por um bairro, um estudante identifica a ausência de rampas em algumas esquinas e nota a distribuição irregular de árvores pelas ruas — ações que evidenciam o exercício da percepção espacial clássica.

Contudo, limitar a formação ao domínio técnico-cognitivo pode empobrecer a experiência urbana, obscurecendo as camadas sensíveis e as potências subjetivas presentes no ato de caminhar e observar. Nesta direção, Gilles Deleuze e Félix Guattari propõem, em “O que é a filosofia?” (1992), os conceitos de “*percepto*” e “*afecto*”, ¹que atuam na ampliação epistemológica da experiência. O *percepto*, como bloco condensado de sensações independentes do sujeito, e o *afecto*, entendido como intensidades que atravessam corpos, ampliam a forma de perceber a cidade e implicam uma compreensão mais complexa e ética dos espaços urbanos.

Assim, a caminhografia urbana mergulha na interseção entre o cognitivo e o sensível, mobilizando esses conceitos filosóficos para permitir que os estudantes desenvolvam um olhar crítico, empático e ético sobre a cidade, alinhado às demandas contemporâneas de uma arquitetura que responda à complexidade social e ambiental. O presente artigo apresenta os resultados de uma experiência didática realizada com estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPel, na qual a caminhografia foi empregada como estratégia para estimular leituras sensíveis e críticas do território urbano.

2 TRILHAS CONCEITUAIS: PERCEPÇÃO, PERCEPTOS E AFFECTOS NO CAMINHAR URBANO

Compreender o espaço urbano a partir do caminhar implica articular diferentes registros de leitura que operam simultaneamente no corpo em movimento. Para além da dimensão técnico-objetiva da percepção espacial, o deslocamento atento ativa blocos sensíveis e intensidades que atravessam a experiência cotidiana da cidade. É nessa interseção que se situam os conceitos de percepção espacial, *percepto* e *afecto*, mobilizados neste estudo não como categorias estanques, mas como operadores analíticos em relação.

A percepção espacial, oriunda da psicologia ambiental, da geografia e do urbanismo clássico, refere-se à capacidade de reconhecer e organizar elementos materiais do espaço — distâncias, limites, usos, infraestrutura e acessibilidade (Santos, 2002). No contexto da formação em arquitetura e urbanismo, ela sustenta diagnósticos objetivos e leituras funcionais do território. Ao caminhar, por exemplo, estudantes identificam irregularidades nas calçadas, ausência de rampas, descontinuidades do piso tátil ou conflitos entre pedestres e fluxos veiculares. Trata-se de um registro fundamental, mas que não esgota a experiência urbana.

O caminhar atento, no entanto, produz efeitos que excedem essa dimensão cognitiva. Como aponta Le Breton (2000), caminhar suspende a lógica da pressa e reinscreve o corpo em uma relação sensível com o ambiente, abrindo espaço para a emergência de sensações, atmosferas e intensidades. Nesse movimento, a experiência urbana se constitui também por *perceptos* — blocos sensoriais que condensam luzes, sons, cheiros e texturas — e por *affectos*, entendidos como variações de intensidade que atravessam corpos e produzem deslocamentos éticos, emocionais e políticos.

Essas intensidades não se reduzem a sentimentos individuais, mas operam de forma relacional e compartilhável, como forças que modulam a maneira como os sujeitos se situam no espaço. Conforme discutido por Massumi (2002) e Thrift (2004), os *afectos* atuam antes da representação e da nomeação, produzindo respostas corporais e disposições que influenciam a percepção, o julgamento e a ação. No contexto das caminhografias analisadas, essas intensidades aparecem associadas a sensações de insegurança, encantamento, desconforto, acolhimento ou indignação, sempre em relação direta com as condições materiais e simbólicas do território percorrido.

A caminhografia urbana, conforme sistematizada no Verbolário da Caminhografia Urbana (Rocha; Santos, 2024), articula essas dimensões de modo indissociável. Caminhar, registrar e narrar não constitui apenas um procedimento metodológico, mas um gesto de atenção expandida, no qual a leitura objetiva do espaço se entrelaça à produção de *perceptos* e à ativação de *afectos*. O conhecimento que emerge desse processo não é hierárquico nem linear, mas situado, relacional e sensível.

Essa abordagem dialoga com a noção de pensar com o corpo proposta por Ingold (2016), para quem o caminhar traça linhas de vida no espaço e produz conhecimento a partir da experiência direta com o mundo. Também se aproxima das reflexões de Pallasmaa (2011), ao compreender a experiência arquitetônica como fundamentalmente corporal e sinestésica, e das contribuições de Gehl (2015) e Speck (2012), ao reconhecer o caminhar como dimensão central da vida urbana e da qualidade dos espaços públicos.

Ao compreender percepção espacial, *perceptos* e *afectos* como dimensões que se entrelaçam no corpo em movimento, este artigo não propõe um modelo fechado de leitura da cidade, nem um protocolo universal de análise urbana. Ao contrário, parte do reconhecimento de que tais experiências são sempre situadas, contingentes e atravessadas por condições materiais, sociais e sensíveis específicas. Nesse sentido, a caminhografia urbana não é tomada aqui como um método normativo, mas como um dispositivo pedagógico de atenção, capaz de ativar modos de observar, registrar e refletir sobre o território a partir da experiência direta do caminhar.

É a partir dessa compreensão que se delinea a prática metodológica apresentada a seguir. A Seção 3 descreve o percurso desenvolvido no contexto da disciplina *Teoria e História I: Arquitetura e Urbanismo na Contemporaneidade*, não com a intenção de oferecer um receituário replicável, mas de explicitar as escolhas pedagógicas, os limites e as condições que orientaram a experiência. O foco recai, portanto, menos na prescrição de procedimentos e mais na relação entre corpo, território e aprendizagem, que sustenta a caminhografia como prática formativa no ensino de arquitetura e urbanismo.

3 NA PELE DA CIDADE: METODOLOGIA EM PASSOS E PERCURSOS

A caminhografia urbana foi mobilizada nesta experiência não como um método fechado ou um protocolo de aplicação universal, mas como um dispositivo pedagógico situado, orientado pela ativação da atenção, do corpo e da percepção no contato direto com o território. Mais do que prescrever procedimentos, interessou-nos criar condições para que os estudantes experimentassem o caminhar como forma de aproximação crítica e sensível da cidade, articulando observação, registro e reflexão.

Nesse sentido, a prática desenvolvida no âmbito da disciplina *Teoria e História I: Arquitetura e Urbanismo na Contemporaneidade* deve ser compreendida como uma experiência formativa contextualizada, atravessada por escolhas didáticas específicas, pelos limites do tempo acadêmico e pelas singularidades dos percursos realizados. A descrição apresentada a seguir não pretende funcionar como modelo replicável, mas como exposição reflexiva de um percurso pedagógico, permitindo compreender como determinadas opções metodológicas favoreceram — e também tensionaram — a relação entre teoria, experiência e aprendizagem.

Esse entendimento dialoga com a reflexão fenomenológica de Pallasmaa (2011) em *Os olhos da pele*, ao destacar a experiência arquitetônica como vivida pelo corpo inteiro, e não apenas pela visão. O corpo é apresentado como centro da percepção e medida da vivência espacial, integrando visão, tato, audição, olfato e até o sentido de gravidade em uma experiência sinestésica. A cidade, assim, é apreendida por meio de um engajamento corporal ativo, no qual deslocamento e permanência constituem formas de conhecimento. Nesse sentido, a caminhografia propõe o deslocamento a pé como modo de mobilizar essa percepção, entendendo o corpo não como observador passivo, mas como mediador entre sujeito e espaço.

Essa perspectiva converge com Gehl (2015), ao defender um urbanismo orientado pela escala humana, em que o espaço público favorece encontros, permanência e deslocamentos confortáveis. Também se aproxima da noção de “cidades caminháveis” de Speck (2012), que define a caminhabilidade como base da vitalidade

urbana: percursos seguros, atrativos e conectados tornam o deslocamento a pé não apenas possível, mas desejável. Essa condição resulta da articulação entre desenho urbano, infraestrutura, densidade e diversidade de usos, fatores que estimulam a vida nas ruas e fortalecem os laços comunitários.

Ao reunir a centralidade do corpo proposta por Pallasmaa, a defesa de cidades em escala humana de Gehl e os princípios de caminhabilidade de Speck, a caminhografia urbana se afirma como metodologia capaz de revelar em que medida um território favorece ou restringe a experiência sensorial e subjetiva do pedestre. Caminhar, registrar e interpretar não apenas investiga a materialidade urbana, mas evidencia como o desenho da cidade pode ampliar ou limitar seu potencial sensorial, afetivo e relacional. Compreender a cidade pelo corpo em movimento constitui, ao mesmo tempo, exercício poético e ferramenta crítica para projetar ambientes mais inclusivos, sustentáveis e orientados às pessoas.

Foi com base nesse entendimento que estruturamos a prática metodológica desenvolvida no contexto da disciplina *Teoria e História I: Arquitetura e Urbanismo na Contemporaneidade*, junto a uma turma de 20 estudantes do primeiro semestre da UFPel, como atividade pedagógica curricular regular, vinculada à unidade de ensino dedicada à análise urbana.

A maioria dos estudantes realizou sua caminhografia na zona urbana da cidade de Pelotas, onde residem e circulam cotidianamente. Duas exceções, no entanto, se destacam: um estudante que mora na cidade de Canguçu realizou seu percurso naquele município; e uma estudante residente na zona rural de Pelotas caminhou em seu entorno imediato. Essas variações territoriais, decorrentes dos locais de moradia, ampliaram a diversidade de experiências e perspectivas registradas na atividade.

A proposta metodológica consistiu na realização de caminhografias individuais. Cada estudante foi instruído a percorrer a pé um trajeto cotidiano de sua escolha, com a tarefa de produzir dois tipos de registro: um textual e um fotográfico.

Para o texto, a orientação foi a de produzir um "relato livre", evitando estruturas rígidas. Embora o estilo fosse aberto — podendo ser mais descritivo, poético ou crítico —, o foco deveria estar em articular tanto elementos da percepção espacial (aspectos objetivos como buracos, rampas, materialidade) quanto a expressão de perceptos (cheiros, luzes, sons) e *afectos* (sensações de segurança, nostalgia, surpresa, etc.).

Em relação às fotografias, a instrução também foi flexível, sem uma exigência sobre tipos específicos (panorâmica, detalhe). Incentivamos os estudantes a capturarem imagens que fossem significativas para eles, que servissem como "âncoras visuais" para as sensações e reflexões do texto. A ênfase, portanto, não estava no registro técnico, mas na capacidade da imagem de evocar ou complementar a experiência vivida no percurso.

Os estudantes compartilharam seus relatos e fotografias em um ambiente virtual². Para interpretar esses materiais, empregamos a técnica de análise de conteúdo temática³ (Minayo, 2016), metodologia amplamente utilizada nas pesquisas qualitativas e adequada para explorar significados em discursos subjetivos. O processo analítico foi conduzido em duas etapas principais. Primeiramente, realizamos uma codificação inicial dos relatos a partir do nosso referencial teórico, identificando nos textos manifestações de (a) percepção espacial (foco em elementos objetivos e funcionais), (b) *perceptos* (blocos de sensações) e (c) *afectos* (intensidades e forças).

Na segunda etapa, a partir da leitura transversal desses códigos, observamos a recorrência de temas que nos permitiram refinar a análise em cinco categorias emergentes, que de fato estruturaram os resultados: "Precariedade Infraestrutural" surgiu principalmente das análises de percepção espacial; "Apropriação Espontânea" e "Fluxos Sensoriais" derivaram dos *perceptos* identificados; "Intensidades Afetivas" sistematizou os *afectos* descritos; e, por fim, a "Crítica Urbana" emergiu da articulação complexa entre a percepção de problemas e os *afectos* de indignação ou desejo de mudança, revelando a dimensão ético-política da experiência. Este processo permitiu cruzar dados objetivos (espaço material) e subjetivos (relatos de experiência), ilustrando como o exercício ativou múltiplas dimensões da relação com o território.

A prática da caminhografia, ao valorizar a experiência concreta e situada do estudante, também dialoga com a pedagogia freireana, ao estimular a leitura do mundo antes da leitura da palavra (Freire, 1996). Trata-se de um exercício formativo que começa nos pés e se prolonga no pensamento.

Para fins de exposição e compreensão do percurso desenvolvido, apresentamos a seguir uma organização sintética da experiência realizada. Este esquema não deve ser lido como um protocolo normativo ou um roteiro a ser seguido, mas como uma estrutura expositiva a posteriori, construída para tornar visíveis as escolhas pedagógicas e os momentos que compuseram a prática da caminhografia no contexto específico desta disciplina.

Quadro 1: Configuração da experiência de caminhografia urbana.

Momento da Experiência	Descrição
Preparação em aula	Conversas introdutórias sobre caminhar, percepção e atenção ao cotidiano urbano, com apresentação da proposta e discussão coletiva.
Caminhada Individual	Realização de um percurso cotidiano escolhido pelo estudante, com atenção às dimensões espaciais, sensoriais e afetivas da experiência.
Registros	Produção de relatos escritos e imagens, sem padronização formal, privilegiando a expressão da experiência vivida.
Leitura e análise	Leitura transversal dos relatos e identificação de temas recorrentes, articulando observações objetivas e dimensões sensíveis.
Discussão coletiva	Compartilhamento das experiências em sala e reflexão conjunta sobre cidade, formação e prática profissional.

Fonte: elaborado pelos autores (2025).

A organização sintética apresentada no Quadro 1 deve ser compreendida como um recurso expositivo construído a posteriori, destinado a tornar visível o percurso da experiência didática e as escolhas pedagógicas que a atravessaram. Longe de propor um modelo replicável ou um protocolo metodológico fechado, essa organização busca apenas situar o leitor nas condições em que a prática foi realizada, reconhecendo que o caminhar, os registros produzidos e as leituras deles derivadas são sempre contingentes, atravessados por contextos específicos e pela singularidade dos corpos em movimento. É a partir dessa compreensão situada que se apresentam, a seguir, os diálogos e tensões emergentes das caminhografias realizadas, não como comprovação de categorias previamente estabelecidas, mas como expressões sensíveis de uma experiência formativa em curso.

4 ENTRE PEGADAS E IMPRESSÕES: DIÁLOGOS DO CAMINHAR

A experiência de caminhografia urbana produziu um conjunto heterogêneo de registros — textos e imagens — que não se apresentam como dados a serem verificados, mas como expressões situadas da relação entre corpo, território e atenção. Os relatos analisados a seguir são compreendidos como fragmentos de experiências singulares, atravessadas por condições materiais, sensoriais e afetivas específicas, que emergem do caminhar atento no cotidiano urbano. Mais do que ilustrar conceitos previamente definidos, esses registros permitem acompanhar como os estudantes elaboram leituras críticas e sensíveis da cidade, revelando tensões, deslocamentos e modos de habitar que se constituem no próprio ato de caminhar.

Para dar conta da complexidade dessas vivências, os relatos coletados (identificados de A a T⁴) foram lidos de forma transversal, permitindo acompanhar recorrências, tensões e variações nas experiências do caminhar.

Precariedades Urbanas e Afectos Negativos

Os percursos realizados pelos estudantes tornaram visíveis fragilidades recorrentes da infraestrutura urbana, percebidas não apenas como falhas técnicas, mas como experiências corporais que atravessam o caminhar cotidiano. Buracos, desníveis, ausência de calçadas e dispositivos de acessibilidade interrompidos emergem nos relatos como situações que exigem atenção constante, produzindo sensações de insegurança, desconforto ou cansaço. Esses registros não se limitam à constatação objetiva de problemas, mas revelam como tais condições afetam a relação dos sujeitos com o espaço urbano, modulando ritmos, gestos e estados de ânimo durante o deslocamento.

A: “...observei muitos buracos nas calçadas e rampas para entrada de veículos que dificultam o deslocamento de pessoas cadeirantes, com deficiência visual ou mobilidade reduzida. O corredor de ônibus, apesar de necessário, apresenta riscos e falta de proteção ao pedestre... Um detalhe marcante é o piso tátil, que simplesmente começa e termina em pontos aleatórios, revelando um projeto pouco eficiente para acessibilidade.”

G: “Na minha rua, nota-se que não há a existência de calçadas, o que obriga os pedestres a utilizarem as vias automobilísticas (não asfaltadas)... as calçadas (quando existentes) são bastante desniveladas.”

J: “Nem todas as ruas são pavimentadas, e as que são, muitas vezes não possuem boa qualidade. Em dias de chuva as ruas costumam ficar embarradas. As calçadas não são padronizadas... apresentam bastante irregularidade, o que não contribui para a acessibilidade...”

K: “...notei mato alto em algumas áreas, lixeiras viradas e acúmulo de lixo espalhado. Além disso, há trechos das calçadas danificadas, com partes quebradas ou buracos, o que exige atenção ao caminhar.”

L: “...raízes das árvores antigas romperam alguns pisos nas calçadas, criando desníveis perceptíveis. Esses trechos exigem atenção, principalmente para idosos ou quem empurra carrinho de bebê. Além disso, observei que o piso tátil não está sendo usado corretamente...”

Os registros revelam que o caminhar cotidiano expõe uma série de discontinuidades infraestruturais que interferem diretamente no modo como os corpos se deslocam pela cidade. Buracos, desníveis, ausência ou precariedade de calçadas, dispositivos de acessibilidade interrompidos e a convivência tensa com o tráfego veicular exigem atenção constante, alterando ritmos, trajetórias e posturas corporais. Essas situações fazem com que o deslocamento deixe de ser fluido e passe a ser marcado por cautela, esforço e adaptação contínua, evidenciando como a materialidade urbana incide de forma direta sobre a experiência vivida do espaço (Fig. 1).

Figura 1: Fotografias dos estudantes A, G e J.



Fonte: acervo da disciplina (2025).

Apropriação, Convivência e Perceptos Compartilhados

Em contraste com as situações de precariedade, algumas caminhografias evidenciam modos cotidianos de apropriação do espaço que escapam ao planejamento formal da cidade. Bancos improvisados, áreas sombreadas, praças e pequenos vazios urbanos aparecem como lugares de encontro, permanência e convivência, ativados pelo uso reiterado dos moradores. Nesses trechos, os relatos destacam atmosferas de acolhimento e familiaridade, nas quais o espaço urbano se constitui menos por sua função prevista e mais pelas práticas que o reinventam no dia a dia, produzindo *perceptos* compartilháveis entre diferentes corpos e tempos.

A: “Logo na frente da minha residência, há dois bancos que estão quase sempre ocupados por pessoas esperando carro de aplicativo ou apenas descansando, o que mostra uma apropriação espontânea do espaço urbano.”

D: “O camping é muito ocupado durante o verão, por ter muita sombra, arroio, uma pracinha, dois pôneis muito carinhosos e mansinhos e churrasqueiras que podem ser usadas por todos.”

Os relatos mostram como determinados trechos do percurso passam a operar como lugares de permanência e convivência a partir do uso cotidiano. Bancos, áreas sombreadas, equipamentos simples ou mesmo espaços não planejados para o encontro tornam-se pontos de espera, descanso e sociabilidade, ativados pelas práticas dos próprios moradores. Nessas situações, o espaço urbano é continuamente resignificado pelo uso, produzindo atmosferas reconhecíveis de familiaridade e pertencimento que se constroem menos pela forma original do lugar e mais pelas relações que ali se estabelecem.

Como observa Michel de Certeau (1994), o caminhar cotidiano pode ser compreendido como uma prática inventiva que redesenha a cidade a partir de usos singulares e repetidos. Os relatos analisados tornam visíveis esses gestos ordinários de apropriação, nos quais pequenas ações — sentar, esperar, permanecer — transformam o espaço em lugar vivido e compartilhado, para além das intenções formais do planejamento urbano (Fig. 2).

Figura 2: Fotografias dos estudantes A e D.



Fonte: acervo da disciplina (2025).

Experiência Sensível, Encantamento e Surpresa

Alguns registros revelam a emergência de experiências sensíveis marcadas pelo detalhe, pelo inesperado e pela atenção ao ordinário. Árvores, variações de luz, cheiros, texturas e pequenas diferenças entre trechos do percurso ganham centralidade nos relatos, deslocando o olhar do estudante para aspectos que geralmente passam despercebidos na rotina. Esses momentos de encantamento ou surpresa não negam as imperfeições da cidade, mas coexistem com elas, evidenciando como o caminhar atento pode produzir outras formas de relação com o espaço, baseadas na percepção ampliada e na escuta do ambiente.

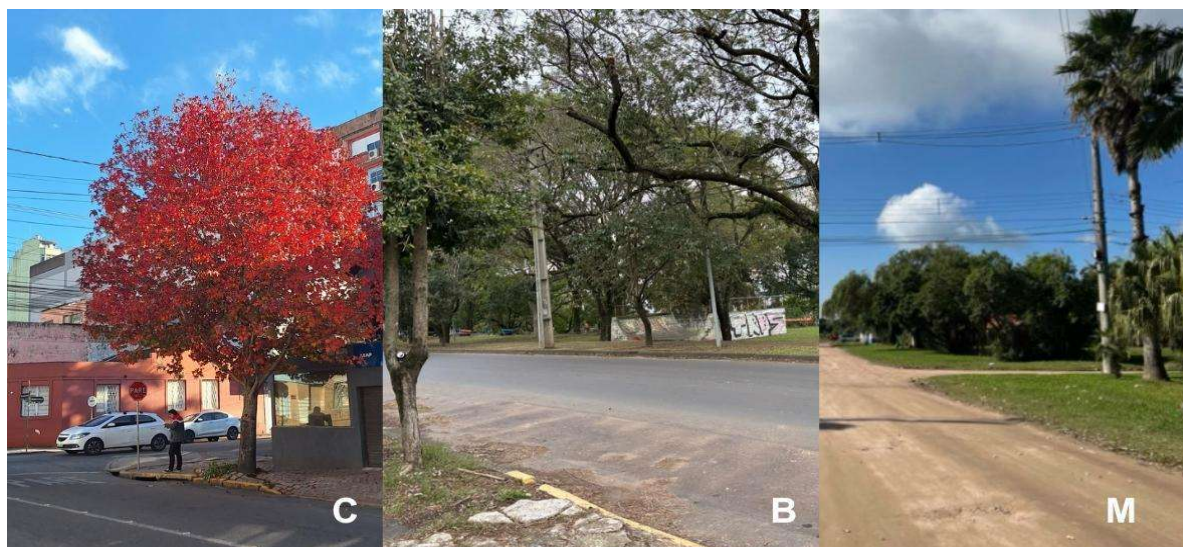
C: “...as fotografias que anexei são de uma das minhas partes preferidas do caminho, esta árvore que todas as vezes que passo está diferente e que todas as vezes me deixa pensando na beleza do lugar, apesar de suas falhas.”

B: “...as casas são todas diferentes cada uma com sua aparência individual... quando chove parece até que estamos na lua de tanto buraco que forma...”

M: “O caminho que escolhi foi a ida da casa da minha amiga até o mercado. O espaço possui diversos prédios, praças e um centro comercial perto do hospital, o caminho possui diferenças notórias de calçamento e o ambiente é bastante arborizado e perene apesar da estação em que estamos.”

Os relatos evidenciam uma atenção ampliada ao detalhe e ao ordinário, deslocando o olhar para elementos que costumam passar despercebidos no cotidiano. Árvores observadas em diferentes momentos do dia, variações de luz ao longo do percurso, cheiros associados a determinados trechos e a singularidade das casas compõem instantes que se destacam da rotina do caminhar. Essas experiências não se apresentam como exceções ao espaço urbano vivido, mas como momentos em que o percurso se densifica sensorialmente, permanecendo na memória do trajeto e reconfigurando a relação do estudante com o ambiente percorrido (Fig. 3).

Figura 3: Fotografias dos estudantes C, B e M.



Fonte: acervo da disciplina (2025).

Crítica Urbana, Desigualdade e Dimensão Ético-Política

A partir da articulação entre observação material e experiência vivida, alguns relatos avançam para leituras críticas do território, evidenciando desigualdades socioespaciais e carências estruturais persistentes. Problemas como alagamentos, ausência de arborização, insegurança e contrastes entre áreas centrais e periféricas são narrados em conjunto com sensações de indignação, frustração ou desejo de transformação. Esses registros indicam que o caminhar atento não apenas revela o espaço, mas convoca posicionamentos éticos e políticos, ao colocar o estudante diante das condições concretas de vida urbana e de seu papel enquanto futuro profissional.

Q: “...apesar de ser bem localizada, perto do centro, sofre de graves problemas com o esgoto e alagamento, além da falta de arborização completa, tornando essa rua cinza extremamente quente no verão e fria e inundada a qualquer chuva no inverno.”

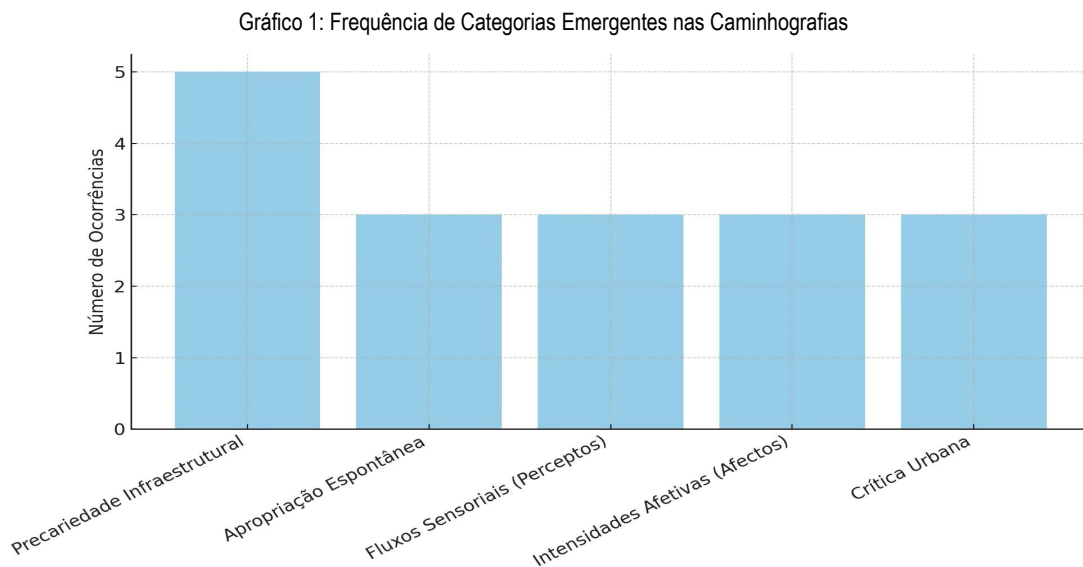
S: “...encontrei algumas incongruências principalmente voltadas aos pedestres, bueiros abertos, buracos na calçada, rampas que não promovem nenhum tipo de acessibilidade... Rua onde haviam comércios abertos me sentia segura, fossem eles restaurantes ou sapatarias, o movimento causado pelos donos e clientes fizeram esta análise ser mais possível.”

D: “Como moro na zona rural de Pelotas ... não tem muitos lugares que possam ser 'ocupados' como forma de lazer e coisas do tema, assim como é na cidade ... aqui é bem simples e calmo...”

Os relatos evidenciam que a observação atenta do percurso frequentemente se desdobra em leituras críticas do território, nas quais problemas infraestruturais e desigualdades socioespaciais passam a ser percebidos de forma articulada à experiência vivida. Questões como alagamentos recorrentes, ausência de arborização, precariedade dos sistemas de drenagem e contrastes entre áreas centrais e periféricas atravessam os registros, produzindo deslocamentos no modo como os estudantes compreendem a cidade e suas condições de habitabilidade.

Essa leitura situada do território aproxima-se da compreensão do espaço como campo relacional em constante produção, marcado por fluxos desiguais e temporalidades sobrepostas (Massey, 2008). O caminhar atento torna perceptíveis essas camadas e tensões, ao colocar o corpo em contato direto com as condições concretas que estruturam — e diferenciam — a experiência urbana.

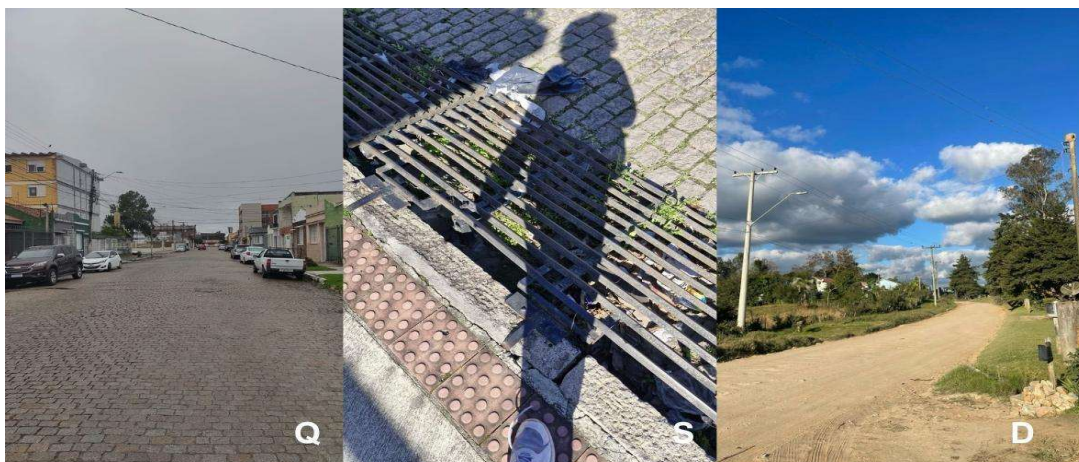
O gráfico⁵ apresenta a frequência das principais categorias identificadas nas caminhografias: precariedades infraestruturais, apropriação espontânea do espaço, fluxos sensoriais (*perceptos*), intensidades afetivas (*afectos*) e crítica urbana. Os dados foram obtidos a partir da análise qualitativa dos relatos dos estudantes.



Fonte: relatos de estudantes na disciplina Teoria e História I (2024).

A leitura cruzada dessas cinco categorias aponta para o caráter multifacetado da caminhografia como prática formativa. Trata-se de um exercício que convoca o sensível, o ético e o político, desafiando o estudante a reconhecer os territórios como campos de forças e *afectos*, e a si mesmo como sujeito urbano em formação (Fig. 4).

Figura 4: Fotografias dos estudantes Q, S e D.



Fonte: acervo da disciplina (2025).

Reflexão Sobre Aprendizagem, Prática e Formação Ética

Para além da leitura do território, as caminhografias também se constituíram como espaço de reflexão sobre o próprio processo de aprendizagem. Em diversos relatos, os estudantes reconhecem deslocamentos em seu modo habitual de caminhar e observar, apontando para uma ampliação da atenção e da consciência sobre o cotidiano urbano. Essas reflexões evidenciam que a experiência não se encerra na descrição do espaço, mas incide sobre a formação ética e crítica do futuro arquiteto-urbanista, ao estimular uma postura mais atenta, responsável e implicada com a cidade vivida.

Os relatos apontam deslocamentos no modo como os estudantes se relacionam com o espaço urbano, indicando que a experiência do caminhar atento também incide sobre a forma como refletem acerca de sua própria formação e atuação futura. Antes de se apresentar como um resultado fechado, essa reflexão emerge gradualmente a partir do confronto entre o percurso vivido, a atenção dedicada ao cotidiano e a tomada de consciência sobre o papel do arquiteto-urbanista na leitura e transformação da cidade.

A: “Ao sair com a intenção de realmente observar esse trajeto, fiquei abismada com a quantidade de elementos urbanos que normalmente passam despercebidos. [...] percebo agora que ainda deixava passar muita coisa, por conta da pressa com que costumo caminhar.”

R: “Confesso que analisei algumas coisas que não tinha analisado anteriormente ao caminhar pelo mesmo percurso. [...] achei interessante a proposta de realmente apresentar problemas de forma sintetizada e direta, com o intuito de realmente mostrar ao público a realidade que está sendo enfrentada.”

As falas sugerem que a atenção dedicada ao percurso cotidiano produz efeitos que ultrapassam a descrição do espaço, repercutindo na maneira como os estudantes se percebem enquanto sujeitos em formação. Ao reconhecer aquilo que antes passava despercebido — seja pela pressa, pela familiaridade com o trajeto ou pela naturalização de determinadas condições urbanas —, os relatos indicam a emergência de uma postura mais atenta, implicada e responsável em relação à cidade e à prática profissional (Fig. 5).

Figura 5: Fotografias dos estudantes A e R.



Fonte: acervo da disciplina (2025).

Caminhografia Como Método de Formação Interdisciplinar

Os relatos também evidenciam limites e tensões inerentes à experiência de caminhar, como insegurança, condições climáticas adversas e a familiaridade excessiva com percursos cotidianos. Longe de enfraquecer a prática, essas observações introduzem uma dimensão autocrítica fundamental, ao reconhecer que o caminhar atento é atravessado por restrições materiais, emocionais e contextuais. Esses apontamentos

contribuem para compreender a caminhografia como prática situada, aberta a ajustes e reinvenções em diferentes contextos formativos.

O potencial formativo da caminhografia não se limita à arquitetura e urbanismo. Os relatos demonstram abertura dos alunos para aplicar o método em múltiplos campos do saber:

P: “Sempre passo por um jardim antes do meu ponto, mas só depois desse trabalho percebi as cores das flores, o cheiro delas, e como tudo isso me faz chegar mais animada no destino.”

D: “Como moro na zona rural de Pelotas [...] aqui é bem simples e calmo, [...] o caminho até o camping é apenas a estrada cercada por árvores [...].”

Esses exemplos sugerem que o caminhar atento favorece o diálogo entre arquitetura, geografia, biologia e artes, promovendo uma educação interdisciplinar sensorial e crítica (Fig. 6).

Figura 6: Fotografias dos estudantes P e D.



Fonte: acervo da disciplina (2025).

Limites e Desafios da Experiência

Os relatos também evidenciam limites e tensões que atravessaram a experiência de caminhar, apontando para condições que interferem diretamente na forma como o percurso é vivido e registrado. Questões como insegurança, influência das condições climáticas, restrições de tempo e a familiaridade excessiva com trajetos cotidianos aparecem como fatores que modulam a atenção, a disposição corporal e a própria possibilidade de permanência no espaço urbano. Esses elementos não se apresentam como falhas do exercício, mas como componentes constitutivos da experiência situada do caminhar.

Nos relatos, essas limitações aparecem de forma explícita, acompanhadas de observações críticas sobre as condições em que o caminhar foi realizado:

I: “Escolhi esse trajeto porque, mesmo sendo muito perto, traz um sentimento de insegurança, já que as ruas não são movimentadas.”

J: “Em dias de chuva as ruas costumam ficar embarradas. As calçadas não são padronizadas, muitas nem têm calçamento.”

T: “Esta imagem representa o caminho que percorro todo dia para ir ao CEHUS, um caminhar calmo, com o céu em um tom rosado suave, dando um toque de cor ao cinza predominante, na maioria dos dias, já que estamos no inverno.”

Esses apontamentos tornam visível que o caminhar atento é atravessado por condicionantes materiais, emocionais e contextuais que não podem ser neutralizados pelo método. A insegurança, o clima, a repetição de trajetos e as limitações do cotidiano interferem diretamente na experiência, exigindo ajustes constantes de ritmo, percurso e atenção. Reconhecer essas tensões permite compreender a caminhografia não como prática idealizada, mas como exercício situado, aberto a variações, interrupções e reinvenções conforme os contextos em que é realizada (Fig. 7).

Figura 7: Fotografias dos estudantes T e I.



Fonte: acervo da disciplina (2025).

Perspectivas Futuras

Em alguns relatos, o exercício do caminhar atento também se desdobra em sugestões e inquietações que apontam para a continuidade da experiência para além da atividade realizada. Essas observações não se organizam como propostas formais, mas como indícios de um desejo de prolongar a atenção ao território, explorando outras linguagens, percursos e modos de registro a partir da experiência vivida.

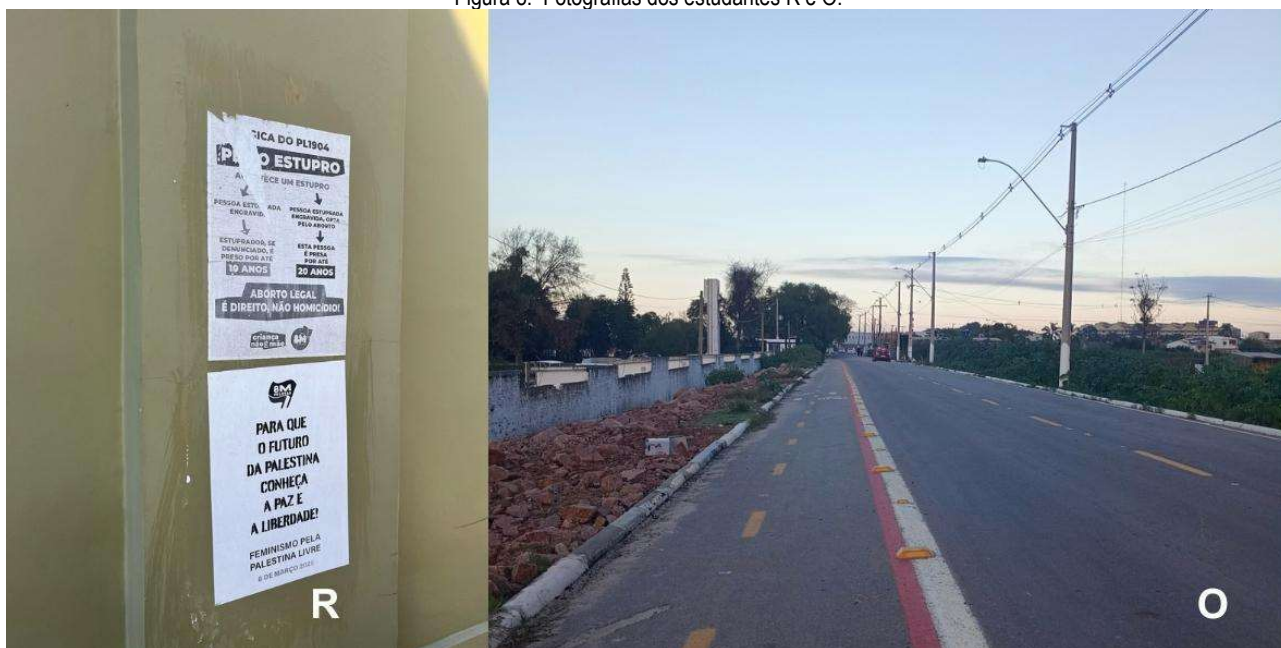
R: “Preferi expor um folheto que chamou muito a minha atenção, pois estava em mais de um prédio que observei. Achei interessante a proposta de realmente apresentar problemas de forma sintetizada e direta, com o intuito de realmente mostrar ao público a realidade que está sendo enfrentada.”

O: “Escolhi o caminho da minha casa até o Campus Anglo, tem rua asfaltada com faixa de ciclista/pedestre, do lado direito há casas e do lado esquerdo o canal São Gonçalo, bastante vegetação e de longe é possível ver o Campus na imagem.”

Essas sugestões demonstram disposição de ampliar os registros, explorar novos suportes (foto, texto, som), desenvolver cartografias afetivas e pensar intervenções concretas a partir do olhar sensível sobre o território.

Essas indicações não devem ser lidas como diretrizes a serem implementadas, mas como prolongamentos possíveis da experiência formativa, que emergem do próprio envolvimento dos estudantes com o caminhar e com o território percorrido. Ao sugerirem novos suportes, trajetos e formas de expressão, os relatos evidenciam que a caminhografia opera menos como técnica a ser aplicada e mais como prática que suscita continuidade, desdobramentos e reconfigurações, sempre dependentes dos contextos e das condições em que se realiza (Fig. 8).

Figura 8: Fotografias dos estudantes R e O.



Fonte: acervo da disciplina (2025).

5 FIOS QUE SE ENTRELAÇAM: CONSIDERAÇÕES SOBRE CAMINHOGRÁFIAS E ENSINO

A experiência analisada neste artigo evidencia a potência da caminhografia urbana como prática formativa, ao mesmo tempo em que explicita tensões e limites inerentes ao esforço de articular conceitos filosóficos, procedimentos pedagógicos e experiências situadas do caminhar. Longe de pretender validar empiricamente categorias como *percepto* e *afecto*, o trabalho assumiu esses conceitos como dispositivos de leitura, capazes de tensionar o olhar técnico tradicional e abrir o campo da percepção para dimensões sensíveis, éticas e políticas da cidade. Nesse processo, tornou-se igualmente evidente o risco de um excesso de organização conceitual, que pode reduzir a força da experiência ao tentar enquadrá-la em esquemas explicativos. Reconhecer essa tensão — entre abertura e sistematização, entre experiência e teoria — constitui parte fundamental da contribuição do estudo, ao afirmar a caminhografia não como método fechado, mas como prática pedagógica situada, atravessada por contingências, deslocamentos e negociações constantes.

A caminhografia urbana, tal como mobilizada nesta experiência, pode ser compreendida como uma prática formativa capaz de atravessar diferentes momentos da graduação em Arquitetura e Urbanismo, favorecendo articulações transversais entre disciplinas, metodologias e linguagens. Ao deslocar o aprendizado para fora da sala de aula e reinscrevê-lo no território vivido, essa prática abre espaço para modos de ensino que valorizam a experiência direta, a atenção ao cotidiano e a implicação ética com a cidade, sem se constituir como modelo fixo ou aplicação prescritiva.

Para além do contexto formativo inicial, a caminhografia também se apresenta como possibilidade em ações de extensão universitária, processos de escuta territorial e coprodução de saberes com comunidades. Nessas situações, seu valor reside menos na sistematização de um método e mais na capacidade de ativar leituras sensíveis e críticas do espaço urbano, ajustadas às condições, aos tempos e às relações que emergem em cada contexto. Assim, mais do que propor diretrizes, este trabalho aponta para a caminhografia como prática aberta, situada e em constante negociação, cuja potência pedagógica se renova a cada experiência.

REFERÊNCIAS

- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DELEUZE, G. **Francis Bacon**: Lógica da sensação. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** 2. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

- INGOLD, T. **Linhas**: uma breve história. Petrópolis: Vozes, 2016.
- JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. 7. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- LE BRETON, D. **Elogio do caminhar**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MASSEY, D. **Pelo Espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MASSUMI, B. **Parables for the virtual**: movement, affect, sensation. Durham; London: Duke University Press, 2002.
- MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2016.
- PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- ROCHA, E.; SANTOS, T. B. dos (orgs.). **Verbolário da Caminhografia Urbana**. Pelotas: Editora Caseira, 2024.
- ROCHA, E.; SANTOS, T. B. dos; DEL FIOL, P. P. Registrar, jogar e criar: a caminhografia nos processos de transcrição da cidade. **Revista GEARTE**, Porto Alegre, v. 11, 2024. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/gearte>. Acesso em: 2 ago. 2025.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2002.
- SPECK, Jeff. **Cidade caminhável**. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- THRIFT, N. Intensities of feeling: towards a spatial politics of affect. **Geografiska Annaler: Series B, Human Geography**, v. 86, n. 1, p. 57–78, 2004.

NOTAS

- ¹ Para Deleuze e Guattari (1992), “*affecto*” não deve ser confundido com “emoção” ou “sentimento” na acepção psicológica tradicional. O *affecto* refere-se a uma intensidade, uma variação de potência que atravessa os corpos e os conecta, produzindo transformações físicas, éticas e coletivas, muitas vezes pré-conscientes ou não completamente subjetivadas. Já a emoção está ligada a estados internos e individuais, enquanto o *affecto* se manifesta na relação dinâmica entre sujeito e ambiente, transcendendo a experiência pessoal. Em consonância, Deleuze (2004) destaca que o *affecto* é uma experiência intensiva e sensível que desafia as categorias tradicionais da percepção e da consciência.
- ² Fórum no ambiente virtual E-aula, plataforma de ensino utilizada pela UFPel, no qual todos os participantes puderam ler as postagens dos colegas e interagir por meio de comentários.
- ³ A análise de conteúdo temática parte da identificação de núcleos de sentido presentes nos relatos, permitindo a categorização e interpretação sistemática dos significados expressos nos discursos, respeitando as singularidades das narrativas subjetivas dos participantes (Minayo, 2016).
- ⁴ As falas dos estudantes são identificadas por letras a fim de preservar o anonimato dos participantes. Essa opção não visa silenciar as vozes individuais, mas situá-las como expressões singulares de uma experiência coletiva de formação, mantendo a integridade dos relatos e o cuidado ético no tratamento dos depoimentos.
- ⁵ O Gráfico 1 ilustra a frequência com que cada categoria temática foi identificada nos relatos de um total de 20 estudantes. Cada ponto de dado no gráfico representa o número de relatos em que uma categoria específica foi considerada um tema proeminente.

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade dos autores.